

Produção de gêneros textuais digitais a partir de contos africanos

*Nidiane Aparecida Latocheski*¹

Resumo

O presente trabalho relata a experiência pedagógica na escola pública Maria Arlete Toledo, em Vilhena. O tipo textual narrativo, conteúdo que compõe o currículo da disciplina de Língua Portuguesa, provoca queixas dos estudantes, principalmente quando são narrativas literárias. Consideram-nas “chatas”, “estanques”, “irrelevantes”. Em entrevistas informais, alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Maria Arlete Toledo relataram que o ensino dos gêneros textuais narrativos ainda é feito de forma tradicional, limitando-os ao estudo da estrutura narrativa e interpretações sobre o enredo para cumprir atividades avaliativas. Diante disso, foram selecionados contos do livro *O segredo das tranças e outras histórias*, do escritor contemporâneo Rogério Andrade Barbosa, para trabalhar a fruição dos textos como forma de aproximação da literatura. Assim, desenvolveram o hábito de ouvir e de ler histórias, passaram a ler em pequenos grupos e a discutirem novas formas de interpretação, de releitura e de produção de textos intertextuais. Considerando o importante papel dos gêneros digitais na sociedade contemporânea e a finalidade de aproximar os alunos do estudo do conto, foram propostas análises dos gêneros digitais que propiciam a reflexão ou o humor. A conclusão do trabalho foi transformar os contos em outros textos, parodiá-los ou parafraseá-los com a finalidade de postá-los como textos digitais em uma página na rede social Facebook, possibilitando maior interação entre grupos e turmas, bem como entre os internautas em geral. Tal experiência é o objeto de estudo que evidencia o ensino da leitura e da escrita, realizado de forma prazerosa e produtiva. Para discutir as questões citadas e outras que estão no entorno, as concepções teóricas de Zenilda Ribeiro da Silva,

¹Professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Arlete Toledo. Participante do GEPEC - Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea (UNIR). Preceptora da UNIR - Língua Portuguesa - no âmbito do Programa Residência Pedagógica.

presentes na dissertação de mestrado *Os gêneros textuais digitais e o ensino da Língua Portuguesa: o Facebook como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da escrita* (2015), servem de apoio para esta pesquisa.

Palavras-chave: livro didático; Ensino Fundamental II; concepção de gramática.

Production of digital text genres from african tales

Abstract

The present work reports the pedagogical experience in public school Maria Arlete Toledo, in Vilhena. The textual narrative, content type that makes up the Portuguese Language course curriculum, causes complaints from students, especially when they are literary narratives. Consider them "boring", "leakage", "irrelevant". In informal interview, students of the first year of high school in Maria Arlete Toledo reported that the teaching of the textual narrative genres is still done the traditional way, by limiting them to the study of narrative structure and interpretations of the plot to carry out evaluation activities. Given this, we selected short stories from the book *O segredo das tranças e outras histórias*, the contemporary writer Rogerio Andrade Barbosa, to work the fruition of the texts as a way of approaching literature. So, they developed the habit of listening to and reading stories, reading in small groups and discuss new ways of interpretation, re-reading and intertextuais texts. Considering the important role of digital genres in contemporary society and the purpose of bringing students, study of digital analyses have been proposed to provide the reflection or the mood. The conclusion of this work was to turn the tales in other texts, parodiá them or paraphrasing them in order to post them as digital texts on a page on the social network Facebook, allowing greater interaction between groups and classes, as well as between the Internet users in General. Such experience is the object of study which highlights the teaching of reading and writing, performed so enjoyable and productive. To discuss the issues mentioned and others that are around, the theoretical conceptions of Vikas Rajkumar, present in the master thesis *Os gêneros textuais digitais e o ensino da Língua Portuguesa: o Facebook como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da escrita* (2015), serve as a support for this research.

Keywords: textbook; Elementary School II; conception of grammar.

1 Introdução

O texto é o principal objeto de ensino de línguas; é também essencial na interação entre os indivíduos, já que nada se dá sem a produção e a leitura de textos. Para Bakhtin (1929), a concepção de linguagem é enunciativo-discursiva, que considera o discurso uma prática social e uma forma de interação. Quanto mais o aluno se apropria dos variados textos, mais entendimento ele terá para usar a língua com eficiência; por isso a proposta de um projeto desafiador, com atividades que proporcionem aos alunos um maior contato com a leitura e seu dinâmico campo de conhecimento. Seguindo esse raciocínio, é ainda mais interessante o professor valorizar o ensino da Literatura, pois, através dela, é possível imaginar, criar, recriar, transcender o conhecimento empírico da língua e suas linguagens.

Além disso, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio defendem a Literatura como uma disciplina com múltiplas finalidades:

Literatura é um meio de divulgação da sensibilidade, de atingir conhecimento tão importante quanto o científico, de pôr em questão o que parece ser decorrência natural, meio de transcender o simplesmente dado, mediante gozo da liberdade que só a fruição estética permite, bem como meio de humanização do homem coisificado.

Ainda conforme os documentos oficiais, a Literatura, como arte que se constrói com palavras, também teria o papel de formar um leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito, tendo o cuidado, o professor, de não sobrecarregar o aluno com dados e fatos sobre as tradicionais épocas, estilos e características literárias. Ao invés disso, que os alunos se ocupem da leitura das obras em si, até mesmo como fruição prazerosa.

Partindo desses pressupostos, no início do ano de 2017, foi feito um levantamento sobre a leitura de textos literários, investigando a opinião de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Arlete Toledo, em Vilhena. Muitos consideram “chato”, “moroso” ou até mesmo “inútil” ler textos literários, mas foi em uma parte significativa, representada por leitores assíduos da sala de leitura da escola, que o principal objetivo do projeto de leitura e produção de gêneros textuais digitais se “desenhou”: contribuir para a mudança de postura do educando diante desse preconceito e da recusa de conhecer a literatura mais a fundo.

O avanço tecnológico trouxe novas formas de apreender conhecimentos, de influenciar a leitura, de aproximar afinidades entre as pessoas, de definir suas preferências comunicativas, de compartilhar experiências etc. Com a facilidade de acesso a gêneros textuais digitais, os estudantes dominam as ferramentas tecnológicas, realizam diversas operações on line e, principalmente, interagem entre si. Isso facilitou a proposta em se trabalhar com gêneros textuais digitais associados aos gêneros textuais literários, como os contos.

Este artigo pretende destacar que, se as tecnologias atuais forem bem utilizadas, serão ferramentas de grande valia para ensinar a ler e a escrever prazerosamente, além de auxiliar o aluno a criar suas próprias expressões. O fato de os alunos serem usuários assíduos das redes sociais e de demonstrarem interesse pelos textos mais curtos e menos elaborados sintaticamente não exclui a possibilidade de escreverem bons textos que desenvolvam as habilidades e competências da linguagem. A produção de textos digitais teve como base o livro de contos *O segredo das tranças e outras histórias africanas*, de Barbosa (2007).

2 Metodologia

A metodologia da pesquisa parecia ter um cunho estritamente bibliográfico e de campo, entretanto, ao longo do processo, torna-se também etnográfica. Ou seja, uma vez que, segundo Severino (2007), é uma pesquisa que procura “compreender, na cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades”, que, quando se participa e se compartilha as vivências em um processo de pesquisa e para a pesquisa, o método também chama-se participante. Em outras palavras, a pesquisa se desenvolve com a participação dos envolvidos, e também busca compreender a cotidianidade virtual; logo, trata-se de uma metodologia etnográfica digital. Vejamos o que nos diz outra teórica:

Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo e também atinja um público não acadêmico. (AMARAL, 2017, p. 20).

Exatamente contribuindo, estimulando a participação do grupo, utilizando os mesmos meios de comunicação, instigando-os a se envolverem foi que a pesquisadora foi intermediando as ações previstas no plano de ação. Silva acrescenta:

[...] pesquisa etnográfica digital tem suas bases na pesquisa etnográfica já existente e muito praticada nas ciências sociais. A mudança dá-se justamente no elemento espaço, pois toda a observação acontece no ciberespaço, ou espaço digital e não num espaço demarcado, físico e situado. (SILVA, 2015, p. 70).

O local onde a pesquisa se desenvolve é a Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Maria Arlete Toledo, situada na cidade de Vilhena, Rondônia. Atende em média 1.200 alunos, sendo o público-alvo da pesquisa os alunos da 1ª série do Ensino Médio, totalizando 122 alunos, divididos em quatro turmas, do horário matutino.

A escola possui uma sala de leitura (Figura 1) com acervo vasto, de aproximadamente cinco mil exemplares de livros literários. O funcionamento da sala é coordenado por uma profissional da área de Letras e um professor da área de Ciências Humanas, atendendo nos horários matutino, vespertino e noturno, sendo destinada à leitura uma aula semanal de Língua Portuguesa. A "sala" cadastra os alunos para a realização de empréstimos, fomentando ainda mais a leitura na comunidade escolar, e a maioria dos leitores empresta obras de autores contemporâneos. Como forma de aprimorar o conhecimento literário dos alunos, firma-se, no início de cada bimestre, a parceria com o setor, cujo trabalho é fundamental para a realização de projetos de leitura.

Figura 1 – Sala de Leitura Castro Alves



Fonte: Facebook - Página da Sala de Leitura Castro Alves/adaptada pela autora.

Durante o ano letivo, são propostos projetos interdisciplinares a toda a comunidade escolar, os quais permeiam algum tipo de leitura. No planejamento anual, as atividades de sala de leitura estão presentes ao longo do processo de ensino-aprendizado e contribuem para realização de muitos desses projetos, sobretudo em Língua Portuguesa, pelos quais nos preocupamos em desenvolver trabalhos que desconstruam a ideia de disciplina difícil, literatura enfadonha. O primeiro bimestre do ano de 2017, para as turmas do 1º ano do Ensino Médio matutino, foi dedicado à leitura de poemas, crônicas, história em quadrinhos, entre outros, cuja finalidade era de apresentar as características do texto literário e ampliar o conhecimento sobre gêneros textuais variados.

De leituras mais simples a mais complexas, os alunos tiveram contato com histórias registradas em contos de variados autores, como Carlos Drummond de Andrade, Domingos Pellegrini, Lygia Fagundes Telles, Monteiro Lobato, Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Sérgio Capparelli etc. Eles conheceram a diversidade de estilos, os sentidos das palavras em contextos variados, a fruição da leitura, a compreensão, as possíveis interpretações de cada narrativa.

No segundo bimestre, foi estabelecida a parceria entre acadêmicos da UNIR – Universidade Federal de Rondônia – a professora orientadora Rosana Nunes Alencar e eu, professora regente de Língua Portuguesa das turmas do 1º ano do Ensino Médio. Os estagiários levaram para a sala de aula, em cinco aulas, o conceito de conto e sua estrutura narrativa básica, utilizando recursos audiovisuais, cópia impressa e debates variados. Apresentaram a biografia do francês Edgar Allan Poe, escritor de contos de mistério, um tema atemporal que deixou os alunos interessados.

O trabalho realizado foi prazeroso e produtivo, o que permitiu dar continuidade em aulas posteriores. Partindo da aula em que os

estagiários ministraram com conto “O gato Preto”, de Edgar Allan Poe, inseri o conteúdo sobre intertextualidade.

Com recursos do Programa de Melhoria na Qualidade de Ensino – Excelência - instituído pela Lei nº 3.432, de 09 de setembro de 2014, no âmbito das Unidades de Ensino da rede Pública Estadual de Rondônia, adquirimos o livro de contos *O segredo das tranças e outras histórias africanas* (BARBOSA, 2017). Com este livro, encerramos o projeto de ensino de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio matutino com sucesso. As ações executadas foram: fruição da leitura, análise linguística, conhecimento histórico do livro, roda de leitura, trabalho em grupo, produção de textos, compartilhamento dos textos e socialização com a comunidade, além de pesquisas no LIE – Laboratório de Informática Educativa – cujo setor proporciona a pesquisa e a produção de conhecimento.

A escolha dessa obra se justifica pelas semelhanças históricas e linguísticas entre nossa língua e a dos povos dos cinco países de onde os contos são originários, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, além da influência africana em nossa cultura.

Vale ressaltar a Lei Federal n.10.639, que instituiu o ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras nas escolas; apesar de, em nossa escola, trabalhamos o assunto apenas pontualmente, a lei nos obriga a focalizar os direitos humanos e a respeitá-los. Esse dado foi importante ao propor aos alunos uma produção de textos livre sobre preconceito ou racismo.

3 Resultados e discussão

3.1 Leitura e produção de textos intertextuais

Tal qual a leitura, a escrita na sala de aula também é encarada como “chata”, “difícil”, “exigente”, “formal” etc. Verifica-se contrariedade em escrever rascunhos e em reescrever quantas vezes forem necessárias, e preferem não produzir diante de tais exigências formais.

O documento da BNCC – Base Nacional Comum Curricular – aponta caminhos sobre as produções de texto:

As práticas de produção de textos propostas no eixo Escrita consideram dois aspectos do ato de escrever. Por um lado, enfatizam sua natureza processual e colaborativa. Esse processo envolve movimentos ora coletivos, ora individuais, de planejamento-produção-revisão, nos quais são tomadas e avaliadas as decisões sobre as maneiras de comunicar o que se deseja, tendo em mente aspectos como o objetivo do texto, o suporte que lhe permitirá circulação social e seus possíveis leitores. Por outro lado, o ato de escrever é também concebido como prática social e reitera a finalidade da escrita condizente com essa prática, oportunizando aos alunos agir com protagonismo.

Nota-se a importância de se desenvolver o protagonismo através da prática discursiva sociointeracionista, como já apresentado neste artigo. Assim, apresentei, através de vários exemplos, o conceito de intertextualidade na literatura, segundo Silva (2015, p. 35): “um fenômeno constitutivo da produção do sentido e pode-se dar entre textos expressos por diferentes linguagens”. Procurei demonstrar que o texto não é único, puro em si, mas resultado de outros textos.

Após a leitura dos contos, os alunos produziram textos informais sobre a leitura literária. Teceram comentários, trocaram ideias sobre

como associar o verbal e o não-verbal dos contos. Então, fizeram esboços para trocarem entre si e elegerem quais os textos e desenhos seriam definitivos para a exposição em um mural na sala. Expuseram desde pequenas HQ's até imagens intertextuais.

Figura 2 – Intertextualidade em “O gato preto” (Conto)



Fonte: Acervo da autora/autores: alunos do 1º ano do EM, 2017.

Ao longo do bimestre, analisaram diversos textos intertextuais e as variadas maneiras de se produzi-los.

3.2 Pesquisa no LIE – Laboratório de Informática Educacional

Nossa escola é privilegiada em ter um laboratório de informática equipado e em pleno funcionamento. Possui 37 computadores, acesso à internet e a plataformas educacionais. As atividades e/ou avaliações podem ser realizadas em AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). O fato de os estudantes saírem da sala de aula tradicional e irem ao laboratório de informática já faz da aula um evento; consequentemente,

pesquisar sobre gêneros textuais digitais, os mais lidos pelo público jovem, deixa a aula ainda mais prazerosa, com uma energia positiva e contagiante. Já dizia Xavier (2005, p. 15) que os gêneros digitais “poderiam ser mais bem explorados na e pela escola, principalmente para tornar as aulas de produção textual mais dinâmicas”. Excerto que as professoras Pessanha e Silva corroboram:

Para esse autor, até mesmo a mudança de ambiente para um laboratório, para o caso de escolas que não possuam computadores em sala de aula, já torna a experiência empolgante. Segundo acrescenta que a participação dos alunos proporciona ampliação em sua capacidade de argumentar sobre temas diversos e, desta maneira, refletir sobre os diferentes pontos de vista e construir opinião própria acerca do que discutem em aula. (PESSANHA; SILVA, 2002, p. 20).

A satisfação dos alunos pela pesquisa sobre conceitos dos gêneros que costumam ler, posts, memes e comentários, disponíveis nas redes sociais, foi visível antes e durante o processo. Nesse momento, realizaram anotações sobre origem, histórico e repercussão que esses gêneros tiveram na vida das pessoas em geral, incluindo eles próprios. Em seguida, partiram para a pesquisa sobre como produzir bons textos humorísticos na atualidade: como unir o verbal e o não verbal? Como associar uma história lida ao gênero meme? É possível atingir o público-alvo sem que ele conheça o texto-base, conto?

Figura 3 - Pesquisa no LIE (Laboratório de Informática Educacional)



Fonte: Acervo da autora.

Do resultado da pesquisa, foi curiosa a descoberta da origem do termo meme. Os alunos comentaram quanto tempo se passou desde o primeiro uso da palavra, em 1976, e o quanto o conceito permaneceu com outras acepções e utilizações. O denominado Meme é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins, em seu livro *The Selfish Gene (O gene egoísta*, lançado em 1976), cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como livros. Sobre essa multiplicação se dar em determinados locais, os estudantes observaram que, ao longo dos 41 anos de existência, os memes passaram a “ocupar” as redes sociais, em geral.

As discussões posteriores demonstraram que “viralizar” depende muito de um momento específico, do público-alvo do texto e da linguagem utilizada. Ainda houve interesse em pesquisar o “Troll” (Figura 4) e outros memes mais famosos, o que rendeu muita conversa sobre o assunto.

Figura 4 – Troll Face



Fonte: Internet – Revista *Tecmundo*

Segundo a professora Garofalo:

[...] a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata a tecnologia como uma competência que deve atravessar todo o currículo de forma a privilegiar as interações multimidiáticas e multimodais, proporcionando uma intervenção social, de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolvendo problemas. (GAROFALO, 2018).

Trata-se do ensino da língua interativo, dinâmico, próprio do aluno do século XXI, que “vive” conectado, dando sentido real à sua escrita. Ainda, segundo a BNCC, identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável, são habilidades a serem desenvolvidas desde o Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano.

Os gêneros digitais, portanto, podem ser variáveis, versáteis e transmutáveis, estando em constante evolução, conforme se ilustra no esquema abaixo.

Figura 5 - Usos dos gêneros digitais na sala de aula



Fonte: Revista *Nova Escola* / Autora: Débora Garofalo

3.3 Leitura dos contos da obra *O segredo das tranças e outras histórias africanas*

O primeiro contato com a obra *O segredo das tranças e outras histórias africanas* foi a partir da apresentação do contexto histórico dos países africanos de onde são os contos. Na verdade, iniciamos a leitura do final para o início. Trata-se de uma parte do livro escrita em folhas “de revista”, com mapas, ilustrações e fotografias, a partir do que é possível conhecer melhor as tradições africanas, despertar a curiosidade e também compreender o ponto de vista do autor sobre a história da África.

O autor, Rogério Andrade Barbosa, escritor e professor, graduado em Letras, pós-graduado em Literatura Infantil Brasileira, trabalha na

área de Literatura Afro-Brasileira em programas de incentivo à leitura. Traz-nos, em linguagem leve, curiosa, as aventuras e crenças de personagens que acabam marcando o leitor de alguma maneira. Como nos apresenta o livro:

Cada uma dessas histórias traz verdades sobre a vida que o autor do livro aprendeu com esses povos e quer dividir com cada um de nós. Se aceitarmos o convite, conheceremos mais desses povos, dessas terras, e voltaremos mais ricos dessa viagem que a leitura torna possível. (CHAVES, 2017, p. 7).

A fruição da leitura, sem dúvida, foi a melhor parte pós-apresentação geral do livro. Os alunos gostaram tanto que queriam levar o livro consigo. Um deles comentou: “Preciso urgente desse livro! Vou ler e reler para minha irmãzinha!”. Então, sugeri que fizesse uma contação de história para ela ou um desenho. Minha intenção era despertar nele o poder de recriar, de vivenciar de novas maneiras a história. A preocupação dele era de lembrar de todas as palavras do conto eleito por ele.

Utilizamos de aproximadamente três aulas para concluir a leitura. Alguns levaram menos tempo e fizeram a releitura, espontaneamente.

3.4 Rodas de discussão

Durante a etapa de trocas de experiências com a leitura dos contos, fomos construindo novas estratégias para produzir textos curtos, até chegarmos à produção de memes ou cartazes cuja finalidade seria despertar nas pessoas o interesse em ler cada conto.

Num primeiro momento, as impressões sobre as histórias, os fatos mais marcantes do enredo foram o assunto predominante. A forma como o autor conta, as abordagens de cada personagem, a estratégia de

utilizar como “isca” provérbios africanos no início de cada conto, deixando a impressão de que a história fosse de fato verdadeira.

Também fizemos uma brincadeira com a oralidade dos provérbios citados em idioma crioulo, utilizados, principalmente, em situações informais e em família, e a língua portuguesa, trazida na tradução. Exemplo: “*Barbadi sabi konta*”, cuja tradução seria “A verdade sabe contar” (provérbio de Guiné-Bissau que introduz o conto “O menino e a cegonha”). A partir disso, a análise linguística passou a ser tema de aula. Os alunos tomaram conhecimento da diversidade linguística existente em cada um dos países e das influências de outras culturas; assim, os demais fatores que envolvem a variedade linguística surgiram.

3.5 Produção de textos em grupo

Nesse ponto, foi necessário o aprofundamento sobre a estrutura dos textos eleitos para a produção, a partir dos contos africanos lidos. Para isso, as turmas se dividiram em grupos de trabalho (Figura 6) e investigaram: textos de humor, características principais para causar humor, associação entre imagem e palavras, como elaborar bons textos de humor, característica principal do gênero textual em questão.

Figura 6 - Grupos de trabalho



Fonte: Facebook / página da autora

A nova concepção semântica da palavra meme, utilizada na internet, embora imprecisa, acontece por volta de 2013, em uma conferência, conforme nos apresentam Guerreiro e Soares:

[...] por volta dos anos 2000, a palavra ganhou destaque em um evento que discutia acontecimentos e assuntos virais na web. A partir daí, ganhou uma nova concepção semântica mais próxima do que temos na atualidade, e indica tudo aquilo que se tornou viral na web, ou seja, que se propagou e se popularizou muito depressa no ambiente cibernético, seja por meio de compartilhamento ou cópias. (GUERREIRO; SOARES, 2016, p. 190).

Dessa forma, compreender como os memes se tornam virais foi indispensável. Não existe fórmula, mas a bibliografia a respeito dos gêneros digitais mais recentes conta que o conhecimento cultural do produtor e do leitor é indispensável para a compreensão do texto.

Candido e Gomes, *apud* Guerreiro e Soares (2016, p. 07), ressaltam a simplicidade dos memes que “podem ser produzidos com os mais básicos programas de edição, pois o objetivo não é arte, mas a situação que deseja comunicar, sempre com o fundo de comicidade”. Em poucos dias, os alunos trouxeram mais ideias sobre como extrair a essência das histórias e, embora cada grupo pertencesse a um tema e a um conto, uns auxiliavam os outros na identificação de palavras-chave, de sinônimos e de adequações necessárias.

Figura 7 - Produção de cartaz e meme a partir do conto “Maria-Condão”



Fonte: Facebook - Página *O segredo das tranças e outros contos africanos* /
Autoria: grupos de alunos.

Nessa produção textual, a preocupação do grupo foi em deixar clara a ideia de liberdade e de beleza do ícone sereia, presente em tantas lendas do mundo. No conto “Maria-Condão”, a personagem é uma sereia que quer se desenlaçar de um pescador, e lhe oferece um fio de cabelo após ele ter desvendado uma adivinha feita por ela.

Figura 8 – Meme baseado no conto “O menino e a cegonha”



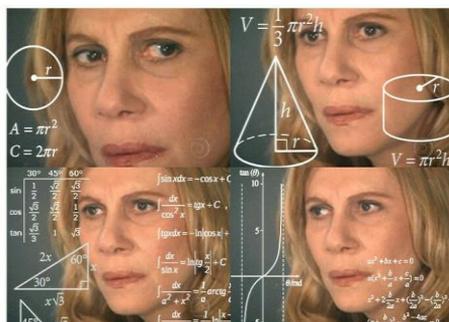
Fonte: Facebook - Página *O segredo das tranças e outros contos africanos* /
Autoria: grupos de alunos

Aqui, a ideia de dar crédito à cegonha, como protetora, maternal como o conto mostra, foi adaptar um meme conhecido em 2017 por demonstrar “cara feia”, contrariada, em algumas circunstâncias, e depois, no desfecho, tira-se o terno, abrem-se os braços de satisfação, quando é realizada sua vontade.

No caso do conto, a cegonha criou um menino deixado pela mãe na mata. Os homens da aldeia vão em busca do bebê abandonado e o encontram no alto de uma árvore considerada sagrada, o que dá ao conto o ar de encantamento. O resgate é conturbado, os homens usam de várias estratégias de proteção, a árvore é resistente e não cai, nem sendo serrada. O menino, por sua vez, acorda assustado e grita pela cegonha: “Ó jumé, vem me salvar! Estão cortando o poilão.”. Esta frase nos interessa para compreender a crítica irônica produzida pelo meme da figura 9.

Figura 9 – Meme baseado no conto “O menino e a cegonha”

Como será que o menino aprendeu a falar,
sendo que não conviveu com quem sabia falar!



Fonte: Facebook - Página *O segredo das tranças e outros contos africanos* /
Autoria: grupos de alunos

Os alunos partiram da mesma ideia dos memes famosos em 2016, da personagem da novela da Rede Globo, *Senhora do Destino*: em determinado momento, na cadeia, dentro de sua cela, Nazaré observa, atordoada, o local e as pessoas ao seu redor e recorda de um diálogo seu com outra personagem, a Viviane, vivida por Letícia Spiller. Os internautas criaram uma imagem com quatro frames da cena em questão, com uma enorme equação matemática ao lado de Nazaré, como se ela estivesse tentando decifrar o problema.

3.6 Criação da página no Facebook

Com o sucesso de produtividade, os próprios alunos demonstraram o desejo de compartilhar suas ideias; foi então que criamos a página do Facebook: “O segredo das tranças e outros contos africanos”.

Figura 10 - Página do Facebook



Fonte: Facebook / Página da autora 2

Para “movimentá-la”, convites foram distribuídos; alimentamo-la com vídeos e postagens sobre os contos, sobre aplicativos geradores de memes e, claro, com a postagem dos memes. O intuito também era socializar com a comunidade o produto final de nosso projeto.

Dessa forma, intermediei um campeonato de curtidas, o que aguçou a competitividade do grupo. As estratégias dos alunos foi a de compartilhar o máximo possível a publicação feita na página e solicitar curtidas. Isso rendeu à página o sucesso de 145 curtidas e 148 seguidores ao final do projeto, no mês de dezembro de 2017 – a figura 11 mostra o meme mais curtido e compartilhado, atingindo o total de 180 curtidas.

Figura 11 – Meme baseado no conto “Maria-Condão”



Fonte: Facebook - Página *O segredo das tranças e outros contos africanos* /
Autoria: grupos de alunos

Ao término das atividades, montamos um mural para a divulgação do projeto, com fotos dos alunos, com os memes mais votados e com

algumas homenagens. Alguns dias depois, um dos grupos criou o meme dos memes, utilizando a imagem do próprio mural (Figura 12). Por livre e espontânea vontade, expuseram sua crítica ao “ranking” de forma bem-humorada e criativa.

Figura 12 – Meme do produto final



Fonte: Facebook - Página *O segredo das tranças e outros contos africanos* /
Autoria: grupos de alunos

4 Conclusões

Observamos uma evolução madura na perspectiva da leitura e da escrita do grupo de alunos participantes dessa experiência pedagógica. O fato de estarem propícios aos movimentos de ler e de produzir textos, aceitando novos desafios, foi fundamental para o desenvolvimento da proposta.

Apesar do imediatismo proporcionado pelas redes sociais e os mais diversos suportes digitais, a produção e a repercussão do texto por eles

produzido foi combustível para a participação em massa dos grupos de trabalho. Sempre há aqueles alunos mais descrentes e desmotivados, mas, mesmo esses, aos poucos, foram se adaptando às novas ideias que surgiram já na leitura dos contos.

Os estudantes identificaram que a produção de um meme atende a critérios próprios, em que a escrita, a fala e a imagem se mesclam. Algo importante, pois o ensejo seria a compreensão dos seus textos, e tal constatação deixou os alunos inseguros e preocupados em abordarem de forma clara a mensagem que o meme traria, mesmo que o interlocutor não tivesse lido o conto base.

Com o resultado final, salienta-se que os usos de ferramentas digitais também aproximam professores e alunos, pois a interação torna-se constante e objeto de aula prática, com os devidos usos da língua escrita ou falada. Vale ressaltar que a criticidade em relação à ortografia e à gramática se fez presente desde os esboços até o produto final, por vezes já publicado na página do Facebook. Nesse quesito, os autores deveriam tomar uma atitude: ou continuariam com a incorreção, ou refariam o meme e postavam-no novamente, com uma ressalva, e começariam do “zero” a contagem das curtidas – regras impostas por eles mesmos.

Por meio da experiência adquirida no projeto, foi possível compreender melhor o prazer que os alunos têm escrevendo sobre aquilo que leem com frequência. Trata-se da apropriação da linguagem do gênero textual, da fluência nos limites do gênero, sobretudo do meme que, segundo eles, é “simples de se ler e complicado de produzir”.

Nesse projeto, foi notável uma mudança de atitude do adolescente, cujo hábito de ler apenas textos curtos, sem aprofundamento, que não exigem “esforço”, bem comum entre os alunos, passa, então, à criticidade na escolha de textos, confrontando opiniões entre os grupos, elaborando sínteses mais complexas para produzir textos interativos.

Enfim, trata-se de um experimento valioso utilizar a rede social como aliada; sua contribuição auxilia na manutenção do plano de ação e também funciona como um portfólio público. No caso dessa vivência, nossa página cresceu ainda mais, pois alguns alunos do Ensino Fundamental a visitaram, comentaram-na e postaram memes. Em alguns dias, o número de curtidas quase dobrou, totalizando agora 256 curtidas, o que serve de combustível para continuarmos o investimento e para incrementarmos seu funcionamento. Finalmente, concordo com Silva (2015, p. 84): “Saber que no ciberespaço não se navega sem lei e que não se pode apropriar-se indevidamente dos discursos alheios.” Devemos, outrossim, desenvolver as habilidades de autores na produção de textos, conscientes do que realmente significa o intertextual.

Referências

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. *Revista USP*, São Paulo, n. 86, p. 122-135, jun./ago. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818/15636>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBOSA, Rogério Andrade. *O segredo das tranças e outras histórias*. São Paulo: Scipione, 2007.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – Área de Linguagens; Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

BRASIL. Lei Federal n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Dispõe que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. *Legislação do Código Civil*. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 02 abr. 2017.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006. v. 1.

CANDIDO, E. C. R.; GOMES, N. T. Memes – uma linguagem lúdica. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 63, p. 1293-1303, set./dez., 2015.

CHAVES, Rita. Apresentação – Cinco histórias, cinco países, muitas verdades. In: BARBOSA, Rogério Andrade. *O segredo das tranças e outras histórias*. São Paulo: Scipione, 2007.

GAROFALO, Débora. Como usar os gêneros digitais em sala de aula. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/11857/como-usar-os-generos-digitais-em-sala-de-aula>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

GUERREIRO, A.; SOARES, Os Memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. *Revista Texto Digital*, v. 12, n. 2, 2016.

RONDÔNIA. Lei Estadual n. 3.432, de 9 de setembro de 2014. Dispõe sobre o Programa de melhoria na qualidade de ensino-excelência, às unidades de ensino da rede pública estadual. *Diário Oficial [do] Estado de Rondônia*. Porto Velho, RO, 09 set. 2014. p 7. Disponível em: <http://www.diof.ro.gov.br/data/uploads/2014/09/Doe-09-09-2014.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Maurício da. *Repensando a leitura na escola: um mosaico*. Niterói: EdUFF, 2002.

SILVA, Solimar Patriota; PESSANHA, Anna Paula Bahia. A produção textual e as novas tecnologias: uso de blogs para a escrita colaborativa. *Revista Escrita*. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20856/20856.PDF> >. Acesso em: 02 ago. 2018.

SILVA, Z. R. *Os gêneros textuais digitais e o ensino da Língua Portuguesa: o Facebook como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da escrita*. (Dissertação) Mestrado Profissional em Letras – UFCG – Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, 2015.

XAVIER, Antônio Carlos. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.